AFETIVIDADADE: AFETIVIDADE:RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO - DOS TRÊS AOS SEIS ANOS DE IDADE.

ROSANA DA SILVA

"A educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo a bússola que permite navegar através dele" . (DELORS, 2001; p.89)

Atender a todos, incorporar a diversidade, valorizar e reconhecer o outro, fazem parte do entendimento da complexidade da vida e das relações humanas, visando organizar em seu entorno um ambiente favorável à troca de experiências, produzindo diálogo e compreensão, para avançar no processo da conscientização em vista a uma educação efetivamente prodigiosa e eletivamente produtiva.

Estamos na era da tecnologia de ponta e num período em que a ciência alcançou um índice de respeitabilidade jamais visto, onde a globalização caminha na velocidade da luz e infelizmente, os direitos humanos básicos são rotineiramente negados a diversos patamares da sociedade mundial. E a trama das relações sociais que envolvem segmentos inteiros como: a família, a escola e a religião requerem uma análise à parte; sobre como deveremos agir, com uma proposta de integração e humanização; e se somos parceiros, deveríamos compartilhar as experiências e os experimentos e não apresentar ou fazer parte das estatísticas como anseia o poder público.

Partimos do princípio de que as crianças não são números, são seres humanos em formação social, afetiva, educacional e cultural. No entanto, o que vivenciamos no dia a dia está muito distante; pois, essa metodologia tão sonhada; onde a prática deve estar aliada à ação e a maneira como nos relacionamos, vai ao desencontro com essa nova realidade, que na maioria das vezes compromete toda a socialização e politização, gerando pessoas sempre dependentes e que terão uma vida pela metade, sem constituir-se como cidadão. Assim sendo, a sociedade e a escola não se percebe produtora dessa diferenciação gerada pela falta de afeto, como se fosse apenas algo passageiro ou imprevisto, criando mecanismos chamados: intolerância, resignação ou segregação que empobrecem as relações e desagregam pessoas.

Frente as inquietações que nasceram das observações do cotidiano escolar com crianças dos 3 a 6 anos; construímos a questão que norteou todo nosso trabalho de pesquisa. No sentido de compreender o porquê desse distanciamento e a falta de afetividade na relação professor x aluno.

Entendemos que a criança precisa envolver-se em um ambiente escolar de modo a sentir-se acolhida em todos os sentidos, para que seja possibilitado o seu desenvolvimento em sua totalidade, sem descaracterizar suas origens.

Acreditamos que estudar o presente tema é relevante porque nos permite repensar a presença e a necessidade da afetividade na escola, como facilitadora da aprendizagem e, na sua falta o eminente prejuízo do aluno. Também, oportuniza entender que existem diversas formas de afetividade que o professor deverá usar para auxiliar seus alunos nessas fases dúbias de transposição de turmas e salas. Pois bem sabemos, o quanto o equilíbrio dessa relação escola x família x professor é de extrema importância para o crescimento e desenvolvimento da criança, sem que ela deixe de ser o aluno.

Para construirmos esse relatório baseamo-nos em levantamentos de dados bibliográficos e em uma pesquisa reflexiva permeada por observações do ambiente escolar, com objetivo de aprofundar e aprimorar os conhecimentos e relacionando-os à prática educativa, valorizando os aspectos afetivos do ser humano diante do ato de aprender, para transpor as diversas etapas na fase de 3 a 6 anos.

Vale lembrar, também, que todo o relatório se utilizou da fundamentação teórica, das idéias, estudos e pesquisas de Henri Wallon (1975) sobre afetividade e terá como suporte, relatórios individuais de observações no ambiente escolar centrados no pensamento sobre concepção de afetividade e formação da personalidade, bem como sua interação com o meio social e para o qual este trabalho foi estruturado.

É importante esclarecer, ainda, que a análise e as reflexões existentes neste relatório se estruturam na abordagem cognitivista e no entendimento de que a educação deve interpor todos os processos de desenvolvimento humano, intelectual e moral, pois não há como formar um indivíduo, se não o desenvolvermos por completo. Então, essa educação deve consistir em propiciar autonomia, para que o aluno possa conquistar o conhecimento, o qual só é alcançado se for assegurado acompanhando o desenvolvimento da personalidade e a aquisição dos instrumentos lógicos em vista a construir o pensamento.

Para o cognitivismo, a lógica não é inata, mas construída, e a primeira etapa da educação deveria formar o raciocínio. Assim,

para que a aprendizagem aconteça, é necessário que ela se institua em um ambiente onde o ajustamento afetivo seja a condição primordial.

Entretanto, na atualidade, vivemos sobre pressão dos modismos aos quais muitos se sujeitam. Porém, cabe a todos nós, pais, gestores e professores não se calar, nem se omitir diante de qualquer manifestação da criança que clama atenção, fato que exige de cada um de nós um olhar resignificado para a afetividade

Entendemos que as crianças farão a diferença na sociedade do futuro pois, elas transformarão as ideologias de hoje em ações efetivas amanhã, e isso não inclui fórmulas prontas e nem resgata nenhum livro mágico, exige, sim, cuidado, respeito, prontidão e aperfeiçoamento constante no trato das relações com esses pequenos seres.

A questão é simples e para quem se sente estimulado a percorrer esse árduo e longínquo caminho, assumindo essa proposta para a vida, enfrenta o grande desafio de ser pedagoga.

(...) a lógica é, antes de tudo, a expressão da coordenação geral das ações, e (...) esta (...) implica necessariamente uma dimensão social, porque a coordenação interindividual dos atos e sua coordenação intraindividual constituem um único processo (PIAGET,1970;p.71).

Desta forma, este trabalho percorreu o objetivo de aprofundar a discussão sobre afetividade, além de servir como material para repensar o papel do professor, enquanto mediador no processo de ensino. Portanto, neste momento faz se necessário tecermos considerações sobre quem foi Henri Wallon e por que seus estudos apontam para a afetividade como um dos campos principais do desenvolvimento humano.

Militante apaixonado, médico, psicólogo, filósofo francês, mostrou que sua teoria pedagógica trata do desenvolvimento intelectual e envolve muito mais do que um simples cérebro, especificamente numa época em que memória e erudição eram o máximo em termos de construção de conhecimento. Wallon revolucionou o ensino no início do século passado, deixando claro o seu pensamento sobre o desenvolvimento intelectual, levando para a escola a concepção de que a criança não era só corpo, mas também dotava-se de emoções.

Fundamentou suas idéias em quatro elementos básicos que se comunicavam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa e entendendo as questões de reprovação, como sinônimo de exclusão negando o ensino por ele mesmo.

De acordo com essa teoria, o estudo das emoções tem origem na consciência e transpõe a passagem do mundo orgânico para o social, isto é, do plano fisiológico para o psíquico, desta forma caracteriza a atividade emocional complexa e paradoxal, sendo, simultaneamente, social e biológica em sua natureza, realizando a transição entre o estado orgânico do ser até sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural. Fato que garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história.

Devemos ressaltar que a afetividade que nos preocupa é o objeto de nosso estudo, porque é aquela que se dá no processo educativo. Assim, realizar algumas considerações sobre a educação subjacente a abordagem cognitivista, sem descentralizar a criança, compreende uma maneira de se estudar a história da educação entrelaçada pelas relações afetivas.

O problema com essa concepção é que ela estabelece uma ponte entre a matéria individual e a forma social e vê a criança como um "ser em si", independente do meio, porém, a maneira de se estudar o homem é estudá-lo como um todo, abarcando sua história evolutiva e seu meio social.

Este foi, portanto, o caminho instituído nesta pesquisa, desvinculando a concepção do amor fraternal, ou da falta deste e adentrando no tema afetividade no contexto escolar.

Desta forma, compreendemos que pela afetividade é que se diferenciou, lenta e gradualmente, a vida racional, destacando-se o poder das emoções, as quais foram consideradas como reações positivas, ou seja, elas foram apresentadas como instrumento, levando as crianças a transformarem afetividade em aprendizado.

Ocorre que poucas vezes se discute relações afetivas dentro da escola apesar de amar ser uma atividade humana e a afetividade ser uma expressão imediata das relações entre humanos. Segundo Platão, o discurso amoroso será sempre fragmentado, heterogêneo e esfacelado porque o homem não tem condições de apreender a gênese do amor, perdida em um passado tão remoto, que está relegada ao esquecimento ou, ainda que não ao esquecimento completo, pelo menos a lembranças partidas e incompletas, idéia que nos remete a Wallon quando afirma que:

(...) O contato emotivo, quando se estabelece, é na realidade uma espécie de contágio mimético (18), cuja conseqüência é ao princípio não a simpatia mas a partici-

pação.O sujeito está todo cometido na sua emoção, está unido, confundido por ela com as situações que lhe correspondem, quer dizer, com o ambiente humano de que provém, na maior parte das vezes, as situações emocionais. (2005,p.201).

É importante ressaltar que consideramos ingenuidade negar que um professor ame seus alunos de forma diferente da que ame sua família, mas, igualmente ingênuo, seria negar também, os traços comuns a ambas as formas de amar. Portanto, defendemos que o processo evolutivo da criança coincide com a evolução escolar e da própria pessoa.

Partindo do pressuposto de que afetividade é um elo do amor, há de se buscar uma posição mais amadurecida dentro do contexto escolar, pois, somente assim, o desenvolvimento da criança ocorrerá em todas as esferas educacionais e pessoais e ela será tão plena que a diferenciará pela essência na fase adulta.

Dentro do processo de formação social e humana, a afetividade tem um papel significativo, por isso precisamos compreender inicialmente o que vem a ser afetividade e, para tanto, recorremos à origem etimológica da palavra: a palavra afeto vem do latim (affectur/ afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade e segundo caracterização do dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está: "Psicolizado. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam; sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza." (AURÉLIO,1994; p.23)

Partindo destes pressupostos, fomos buscar outra definição que afirmasse nossa pesquisa e recorremos ao dicionário da Língua Portuguesa

Silveira Bueno, no qual ele exemplifica: "afetividade como: substantivo feminino.

Qualidade do que é afetivo; afeição; carinho". A.fe.ti.vi.da.de (BUENO, 2007; p.3). Esses conceitos nos remeteram a tantas outras reflexões e questionamentos; que nos obriga analisar a afetividade em todos os seus aspectos: e a entender afetividade como necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. No ambiente escolar, ser afetivo, além de dar carinho, é aproximar-se do aluno, é saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para a sua expressão e essa trajetória é apenas o começo do caminho.

Assim, enfrentando resistências e contradições, construindo a história, permeando os sentidos, valorando o sentido do ser em sua essência mais pura e sob a justificativa do sentimentalismo, sustentado na razão, refletindo a prática numa ação conjunta cheia de possibilidades e racionalmente correta chamada infância, universo criança, podemos aventurar caminhos que nos aproxime da felicidade.

(...) Ainda se for possível aprendermos a administrar nossos estados emocionais, conquistaremos ganhos inegáveis em nossos projetos de vida e na construção não apenas da felicidade pessoal, mas no sonho, ainda hoje utópico da construção de laços de uma verdadeira felicidade social. (Antunes, 2000; p.12)

É preciso considerar que o fato de cuidarmos adequadamente dos outros, como de nós, pode ser o início de uma grande transformação, tanto do ponto de vista individual, social como do educacional, pois a unidade formada pela família é constituída de componentes diferentes da formada pela escola. Essa diferenciação tem uma grande influência na formação educacional das crianças, motivando-as tanto para transpor os limites, como para entender as suas limitações.

Portanto, a afetividade implica na arte de cuidar e, para que se aproveitem corretamente esses momentos, estabelece uma referência impondo limitações, com autoridade quando necessário, mas sem autoritarismo e sem prejuízo a ambas as partes, mantendo uma postura adequada para que exista a troca para o aprendizado e este seja significativo.

Para entender esse processo como possibilidade de entender a diversidade da maneira de ser criança e viver a infância, vasculhamos livros e rascunhamos folhas como se fizéssemos uma varredura pela nossa mente e descobrimos que assim como as crianças têm grandes inquietações, uma escola e um professor também as têm.

Entretanto, somente as crianças possuem uma característica marcante: a novidade, tudo as fascina e, quando por um momento, acreditamos que estamos no controle, que ilusão! Viramo-nos e lá estão elas aprontando... é assim que vão se fazendo crianças: experimentando além do proposto, que muitas vezes é imposto, pelos adultos, pelas regras, pela sociedade e pela escola. "A educação é um fato existencial. Refere-se ao modo como (por si mesmo e pelas ações exteriores que sofre) o homem se faz ser homem. A educação configura o homem em toda sua realidade" (Álvaro, 1982; p.251).

Ao longo de sua história, o homem aprendeu mecanismos de regulamentação do mundo e de seu próprio comportamento. Um desses mecanismos é a maneira de clas-

sificar e interagir com o outro, o que implica diretamente nas suas relações sociais e espera-se obter, como resultado final, uma educação voltada para o pensamento integral do homem.

Partindo dessa premissa, podemos definir educação como um fato existencial, social, econômico e um fenômeno cultural, referindo-se ao modo como por si mesmo o homem se faz homem e reportando-se à sociedade como um todo, a qual é determinada pelos interesses sociais e não somente pelos conhecimentos, experiências, crenças e valores a transmitir para o indivíduo, também, como os métodos utilizados para exercer a ação educativa são determinados por esses interesses.

No entanto, neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se em um dúbio caminho: de um lado, o desempenho escolar que não tem dado conta para uma educação de qualidade e, de outro, novas teorias que não apresentam, ainda, uma consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros e, nesse meio está uma escola em processo de crise, que leva à reflexão sobre quais objetivos e concepções a sociedade e o corpo docente acredita propor para a educação.

Desta forma, entende-se escola não somente um determinado espaço físico mas todos os momentos e locais, onde a criança possa criar um elo de aprendizagem significativa em um processo interativo, reavaliando a pessoa do aluno, propondo uma integração entre mente, corpo e sentimentos em que se pressupõe, também, que a criança tenha necessidades afetivas que devam ser preenchidas.

Esta escola, sim, deveria ser oferecida como ambiente, onde as atividades satisfizessem as necessidades individuais. No entanto, esta mesma escola que passou por reformas durante sua história, que reformulou com a nova LDB todos os objetivos e conteúdos traçando metas ambiciosas de qualificação e garantias à educação, mostra-se muito aquém do que foi idealizado.

Além disso, quando assistimos ao noticiário da TV, ficamos perplexos com acontecimentos sucessivos de indisciplina, agressividade e violação do patrimônio público, constatamos a realidade de professores mal remunerados e trabalhando em condições adversas, com material escasso e falta de estímulo por conta de ameaças, que, muitas vezes, efetivam-se realmente. É como se a educação andasse na contramão dos discursos de gabinete e em relação à tecnologia, pois enquanto seu aluno está nos bancos escolares com celulares e laptops roubados, o professor precisa fazer um financiamento de inúmeras parcelas para adquirir um produto semelhante.

Cabe enfatizar, ainda, que a educação persiste nesse caráter contraditório quando implica na relação emergente que a sociedade capitalista produz, quando os pais têm que deixar a cargo da escola tanto a responsabilidade de produtora de conhecimentos, quanto da formação moral, afetiva e social da criança.

Então, é significativo elencarmos uma linha de procedimentos destacando, como idéia central, as relações baseadas na afetividade e respeito entre o professor e o aluno, para que se construa uma postura de cooperação, motivação e boa vontade no cumprimento das atividades, transformando as tarefas em desejo para o aluno. Em contrapartida, é preciso contar com a disposição do professor em ensinar e na intenção de despertar o interesse dos alunos e desta maneira, dentro das propostas educacionais, caberiam todos os aspectos relacionais e afetivos para o desenvolvimento integral da criança.

Assim, ao contrário desta possibilidade elencada, o que observamos é que abrir suas portas para a classe menos favorecida, mas com discurso elitista a escola está excluindo, mesmo negando esta realidade. Agindo assim, a instituição escolar está trabalhando contra uma escola pública para todos e acaba sendo uma escola pública para poucos, estabelecendo uma linha divergente entre discurso e prática.

Neste processo de elucidação de uma escola para todos, embora seja preciso formar um cidadão crítico e apto para o mercado de trabalho, continuase favorecendo o sistema neoliberal, o qual institui camadas e a cada dia forma mais cidadãos individualistas e competitivos, aumentando a miséria e a discriminação entre a humanidade.

Acreditamos que neste modelo de escola em que a preocupação com a qualificação profissional é maior que a reservada ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social do educando, deveria direcionar-se aos modelos educacionais voltados à primeira infância, pois sabemos que ela é a base estrutural da sociedade e que é lá que se forma a personalidade do indivíduo, portanto é irresponsabilidade esperar que a criança cresça para que se quebre paradigmas, ou, ainda, que não tenha a oportunidade de crescer frente ao abandono social.

Por isso, mais do que nunca, necessitamos de uma escola pensada para todos os grupos da sociedade, desde a família, a comunidade e principalmente, os educandos os quais deveriam ser realmente, a primeira preocupação das políticas públicas, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento holístico do mundo e de si mesmo, de forma que eles se percebam e se sintam cidadãos que, por sua vez, fazem parte de uma sociedade e que, portanto, dependerá deles no futuro. Porém, para ele deve existir no presente.

Defendemos uma escola, onde os profissionais da educação tenham orgulho de fazer parte, sintam-se compromissados e comprometidos pelas responsabilidades que lhe competem, capacitados e humildes para progredir aprendendo a cada dia com seus alunos e vice-versa. “A educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto.” (Durkheim, Émile 2008 julho; Revista Nova Escola -Grandes Pensadores).

Para que se concretize, esta escola se torna importante para a percepção da criança do micro e do macro, para que haja a possibilidade de mudar suas interações, pois além de contextualizar o mundo, passa a compreender que o futuro está aberto às suas criações. Então, levando-se em consideração, que o ser humano atende aos padrões de estruturação social é função da escola atender a todas as diversidades culturais, canalizando para uma cultura de paz, pensando de forma eficiente e como parte do contexto histórico, devendo minimizar os problemas para impedir os reflexos e os impactos de toda ordem emocional e a longo prazo.

No entanto é preciso considerar, também, que os valores reestruturados, ou não, serão parte integrante da vida dessas crianças e de seus familiares e de uma sociedade voltada para o restabelecimento da autenticidade, independente das fronteiras e de classes sociais. Ainda que o distanciamento entre o pensar e o agir possa democratizar as relações com o outro, porque segundo Wallon apud Galvão: “A pessoa é o todo que integra esses vários campos e é, ela própria; um outro campo funcional.” (2003;p.64).

Estas reflexões nos fazem retornar ao fenômeno da afetividade no universo da criança, pois é preciso diante das mesmas indagações, sobre sua estrutura, encontrar algo que permita elucidar o problema nas questões relação professor x aluno especificamente na faixa de 3 a 6 anos, porque, ao observar determinadas situações entendemos que se uma escola tem uma concepção de identidade baseada no sujeito, ela entende a criança como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação. Porém ao contrário, quando o professor não acredita e não trabalha dentro dessas mesmas concepções, gera conflitos contínuos e cria problemas difíceis de serem solucionados.

Entretanto, diante de uma mentalidade mais aberta, estes problemas poderiam ser diminuídos, ou quase anulados. Foi essa a inquietação que nos motivou a conhecer mais profundamente os momentos de interação constantes da criança, nos quais enfrenta os desafios e resolve problemas na medida em que evoluem no seu desenvolvimento e que ressignifica com constância sua maneira de aprender.

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. (LDB, 1996,§ I, II).

Para garantir uma educação que respeite a individualidade e que releve a afetividade, é preciso compreender que a aprendizagem é um ato individual, que implica no desejo real de aprender com o outro, que por sua vez, precisa carregar consigo um desejo real de ensinar, fato que se reflete como um ato de amar, o qual em nossa realidade educativa, se torna algo etéreo ou sublime loucura, pois vivenciamos muito o provisório e o previsível e esquecemos que, na escola, a questão da afetividade está intimamente ligada as relações familiares e as questões históricas , políticas e culturais.

Nesse sentido, WALLON (1975) afirma que, o desenvolvimento da pessoa se sucede por fases com predominância alternada afetiva e cognitivamente. Entre a faixa etária que compreende a idade dos três aos seis anos, foco desta pesquisa, Wallon trata do estágio do personalismo, como processo central à formação da personalidade, à consciência de si, que ocorre por meio das interações sociais e reorienta o interesse da criança para com as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas como se fosse um feedback. Assim, se a criança quer aprender e o professor deseja ensinar, faz-se necessário descobrir-se um ao outro, de maneira a garantir uma relação em que prevaleça o respeito e a dignidade.

Talvez, diante deste cenário, é que atualmente permanecemos determinados a buscar mais respostas sobre a questão da afetividade, para crianças de 3 a 6 anos de maneira a relacionarmos prática e teoria, respeitando a diversidade, as diferentes maneiras para se trabalhar o conhecimento e privilegiando o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva, ao mesmo tempo em que se está buscando estratégias que possam levar os alunos a tomar consciência de seus próprios sentimentos e emoções.

Esta lógica nos remete à grande lição da teoria de VYGOTSKY, que defende não ser possível separar o homem e o mundo. Embora seja verdade que o modelo interacionista privilegie o sujeito como produtor de seu próprio conhecimento, também é verdade que o ser humano desenvolve-se na prática, em sua interação com o mundo. Deste modo, privilegiar o sujeito é ver o homem, enquanto situado no tempo e no espaço, em um contexto sócio-econômico /político-cultural específico. Ser sujeito é, acima de tudo, ser sujeito em seu próprio ambiente e por isso

é preciso valorizar todas as capacidades humanas, sem ignorar as questões afetivas, as quais impulsionam para a apropriação do conhecimento.

A posição social conscientemente avaliada, constitui-se na força do desenvolvimento psíquico e social. Os mecanismos funcionais como a memória, a intuição, a atenção, a sensibilidade, o interesse frente as adversidades, enfrentadas conduzem á constituição de uma super resistência a transformação da inferioridade em superioridade, a incapacidade em competência e talento. (VYGOTSKY, 1994; p.39).

Esta lógica denuncia o quanto é imprescindível e necessário aprender com objetivo de conhecimento e também, como recurso afetivo, envolvendo assim, a pluralidade cultural, a democracia, centrados na emancipação representativa e participativa, pois pequenos espaços podem se transformar em momentos educativos e, nesse processo de estudo, as dificuldades que ainda permeiam o ambiente escolar para alcançar seus objetivos, podem ser superadas no processo de reflexão a cerca da teoria.

Assim, é preciso refletir sobre a práxis escolar, pois é necessário considerar que as teorias fornecem instrumentos da análise e reflexão sobre a prática, sobre conceitos, pré-conceitos, sobre posturas e ideais, e contribui para a construção da concepção de ensino. Portanto, sabemos que a teoria fundamenta o trabalho do professor e o leva a discernir, com clareza, o papel que desempenha nas relações professor x aluno. No entanto nunca se deve esquecer a complexidade que envolve o ato de educar e, no cotidiano de sua prática, precisa-se atribuir sentido à educação e torná-la significativa.

Para que isso ocorra, é preciso mudar e a escola tem procurado estas mudanças em relação ao ensino, porém entendemos que esse caminho ainda é um pouco demorado, pois há entraves no processo escolar que impedem que as relações na escola sejam totalmente independentes em sua forma de pensar. Acredita-se entretanto, que a mudança é possível e se faz necessária, uma vez que a sociedade possui, hoje, outros padrões e modelos a serem seguidos e entendendo que ela não pode sofrer um retrocesso neste século em que vivemos. De acordo com esta idéia, FREIRE (1993; p.97) nos orienta que "... o ponto de partida para esta prática compreensiva é saber, é estar convencida de que a educação é uma prática política (...) é imperioso que a educadora seja coerente com sua opção, que é política."

Em considerar que a educação é um ato político e que, deve se constituir de forma coerente com a prática, devemos compreender a sua história e a história da educação infantil, portanto, sob o entendimento de que esta pode mudar, porém em hipótese alguma, deixar de estar presente na realidade de interação entre as pessoas. Dessa forma uma das tarefas da educação nas sociedades contemporâneas tem sido a de mostrar que os interesses individuais só podem realizar-se plenamente através dos interesses sociais, desenvolvendo potencialidades, em contato com outras pessoas, com o meio social, na convivência com o grupo, que, por sua vez só é possível se o indivíduo acatar certas regras comuns a todos e se for respeitado em sua pouca esperança de ser exemplo como sujeito no mundo.

os educandos os quais deveriam ser realmente, a primeira preocupação das políticas públicas, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento holístico do mundo e de si mesmo, de forma que eles se percebam e se sintam cidadãos que, por sua vez, fazem parte de uma sociedade e que, portanto, dependerá deles no futuro. Porém, para ele deve existir no presente.

Defendemos uma escola, onde os profissionais da educação tenham orgulho de fazer parte, sintam-se compromissados e comprometidos pelas responsabilidades que lhe competem, capacitados e humildes para progredir aprendendo a cada dia com seus alunos e vice-versa. "A educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto." (Durkheim, Emile 2008 julho; Revista Nova Escola -Grandes Pensadores).

Para que se concretize, esta escola se torna importante para a percepção da criança do micro e do macro, para que haja a possibilidade de mudar suas interações, pois além de contextualizar o mundo, passa a compreender que o futuro está aberto às suas criações. Então, levando-se em consideração, que o ser humano atende aos padrões de estruturação social é função da escola atender a todas as diversidades culturais, canalizando para uma cultura de paz, pensando de forma eficiente e como parte do contexto histórico, devendo minimizar os problemas para impedir os reflexos e os impactos de toda ordem emocional e a longo prazo.

No entanto é preciso considerar, também, que os valores reestruturados, ou não, serão parte integrante da vida dessas crianças e de seus familiares e de uma sociedade voltada para o restabelecimento da autenticidade, independente das fronteiras e de classes sociais. Ainda que o distanciamento entre o pensar e o agir possa democratizar as relações com o outro, porque segundo Wallon apud Galvão: "A pessoa é o todo que integra esses vários campos e é, ela própria; um outro campo funcional." (2003;p.64).

Estas reflexões nos fazem retornar

ao fenômeno da afetividade no universo da criança, pois é preciso diante das mesmas indagações, sobre sua estrutura, encontrar algo que permita elucidar o problema nas questões relação professor x aluno especificamente na faixa de 3 a 6 anos, porque, ao observar determinadas situações entendemos que se uma escola tem uma concepção de identidade baseada no sujeito, ela entende a criança como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação. Porém ao contrário, quando o professor não acredita e não trabalha dentro dessas mesmas concepções, gera conflitos contínuos e cria problemas difíceis de serem solucionados.

Entretanto, diante de uma mentalidade mais aberta, estes problemas poderiam ser diminuídos, ou quase anulados. Foi essa a inquietação que nos motivou a conhecer mais profundamente os momentos de interação constantes da criança, nos quais enfrenta os desafios e resolve problemas na medida em que evoluem no seu desenvolvimento e que ressignifica com constância sua maneira de aprender.

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. (LDB, 1996,§ I, II).

Para garantir uma educação que respeite a individualidade e que releve a afetividade, é preciso compreender que a aprendizagem é um ato individual, que implica no desejo real de aprender com o outro, que por sua vez, precisa carregar consigo um desejo real de ensinar, fato que se reflete como um ato de amar, o qual em nossa realidade educativa, se torna algo etéreo ou sublime loucura, pois vivenciamos muito o provisório e o previsível e esquecemos que, na escola, a questão da afetividade está intimamente ligada as relações familiares e as questões históricas , políticas e culturais.

Nesse sentido, WALLON (1975) afirma que, o desenvolvimento da pessoa se sucede por fases com predominância alternada afetiva e cognitivamente. Entre a faixa etária que compreende a idade dos três aos seis anos, foco desta pesquisa, Wallon trata do estágio do personalismo, como processo central à formação da personalidade, à consciência de si, que ocorre por meio das interações sociais e reorienta o interesse da criança para com as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas como se fosse um feedback. Assim, se a criança quer aprender e o professor deseja ensinar, faz-se necessário descobrir-se um ao outro, de maneira a garantir uma relação em que prevaleça o respeito e a dignidade.

Talvez, diante deste cenário, é que atualmente permanecemos determinados a buscar mais respostas sobre a questão da afetividade, para crianças de 3 a 6 anos de maneira a relacionarmos prática e teoria, respeitando a diversidade, as diferentes maneiras para se trabalhar o conhecimento e privilegiando o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva, ao mesmo tempo em que se está buscando estratégias que possam levar os alunos a tomar consciência de seus próprios sentimentos e emoções.

Esta lógica nos remete à grande lição da teoria de VYGOTSKY, que defende não ser possível separar o homem e o mundo. Embora seja verdade que o modelo interacionista privilegie o sujeito como produtor de seu próprio conhecimento, também é verdade que o ser humano desenvolve-se na prática, em sua interação com o mundo. Deste modo, privilegiar o sujeito é ver o homem, enquanto situado no tempo e no espaço, em um contexto sócio-econômico /político-cultural específico. Ser sujeito é, acima de tudo, ser sujeito em seu próprio ambiente e por isso é preciso valorizar todas as capacidades humanas, sem ignorar as questões afetivas, as quais impulsionam para a apropriação do conhecimento.

A posição social conscientemente avaliada, constitui-se na força do desenvolvimento psíquico e social. Os mecanismos funcionais como a memória, a intuição, a atenção, a sensibilidade, o interesse frente as adversidades, enfrentadas conduzem á constituição de uma super resistência a transformação da inferioridade em superioridade, a incapacidade em competência e talento. (VYGOTSKY, 1994; p.39).

Esta lógica denuncia o quanto é imprescindível e necessário aprender com objetivo de conhecimento e também, como recurso afetivo, envolvendo assim, a pluralidade cultural, a democracia, centrados na emancipação representativa e participativa, pois pequenos espaços podem se transformar em momentos educativos e, nesse processo de estudo, as dificuldades que ainda permeiam o ambiente escolar para alcançar seus objetivos, podem ser superadas no processo de reflexão a cerca da teoria.

Assim, é preciso refletir sobre a práxis escolar, pois é necessário considerar que as teorias fornecem instrumentos da análise e reflexão sobre a prática, sobre conceitos, pré-conceitos, sobre posturas e ideais, e contribui para a construção da concepção de ensino. Portanto, sabemos que a teoria fundamenta o trabalho do professor e o leva a discernir, com clareza, o papel que desempenha nas relações professor x aluno. No entanto nunca se deve esquecer a complexidade que envolve o ato de educar e, no cotidiano de sua prática, precisa-se atribuir sentido à educação e torná-la significativa.

Para que isso ocorra, é preciso mudar

e a escola tem procurado estas mudanças em relação ao ensino, porém entendemos que esse caminho ainda é um pouco demorado, pois há entraves no processo escolar que impedem que as relações na escola sejam totalmente independentes em sua forma de pensar. Acredita-se entretanto, que a mudança é possível e se faz necessária, uma vez que a sociedade possui, hoje, outros padrões e modelos a serem seguidos e entendendo que ela não pode sofrer um retrocesso neste século em que vivemos. De acordo com esta idéia, FREIRE (1993; p.97) nos orienta que "... o ponto de partida para esta prática compreensiva é saber, é estar convencida de que a educação é uma prática política (...) é imperioso que a educadora seja coerente com sua opção, que é política."

Em considerar que a educação é um ato político e que, deve se constituir de forma coerente com a prática, devemos compreender a sua história e a história da educação infantil, portanto, sob o entendimento de que esta pode mudar, porém em hipótese alguma, deixar de estar presente na realidade de interação entre as pessoas. Dessa forma uma das tarefas da educação nas sociedades contemporâneas tem sido a de mostrar que os interesses individuais só podem realizar-se plenamente através dos interesses sociais, desenvolvendo potencialidades, em contato com outras pessoas, com o meio social, na convivência com o grupo, que, por sua vez só é possível se o indivíduo acatar certas regras comuns a todos e se for respeitado em sua pouca esperança de ser exemplo como sujeito no mundo.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. São Paulo:

Cortez, 1982

PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes. Cortez, 1996.

ROGERS, Ransom Carl – Tornar-se Pessoa - título original, On Becoming Tradução: Manuel José do Carmo Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1985 – Conforme acordo c/ Moraes Editoras – Lisboa/Portugal.

_____. Um jeito de ser -Tradução: Maria Cristina Machado Kupfer, Heloisa Lebrão, Yone Souza Patto; revisão da tradução, Maria Helena Souza Patto – São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. 4.ed. São Paulo; Martins Fontes,

1994.

WALLON, Henri, A Evolução Psicológica Da Criança – Tradução: Cristina Carvalho, Lisboa: Portugal .Ed.70, LDA, 1981.

_____. título original: L' Evolution Psychologique de L' Enfant. Tradução: Cristina Carvalho. Edições 70, LDA abril 2005 – Lisboa / Portugal – A Evolução Psicológica da Criança.

CHARLOT, Bernard: Revista Pátio, Ano 4, nº15 – Nov.2000/jan.2001,p.58 a 72.

DURKHEIM, Émile: O Criador da Sociologia da Educação. Nova Escola. Edição

Especial: Grandes Pensadores. São Paulo, editora Abril: Julho-2008, p.59 a 61.

LEITURAS DE PSICOLOGIA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES –

Fermino Fernandes Sisto, Gislene de Campos Oliveira, Lucila Dihel Tolaine Fini (orgs.) – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2000.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024, de 20 de dezembro de 1961.

_____. Nº 5692, de 11 agosto de 1971.

_____. Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. Secretaria de Educação e Cultura.

Departamento de Ações Educacionais. Proposta Curricular: SEC, 2007.